

Alfabetização e letramento: desafios e perspectivas nas séries iniciais do Ensino Fundamental

DÉLCIO GERALDO DA MATA JÚNIOR

Graduado em Processos Gerenciais pela UNOPAR e Teologia pela FAECAD.
Graduando em Pedagogia pela Universidade de Araras. Especialista em Docência do Ensino Superior e Ciências da Religião para a Educação Básica. Gestor administrativo da Da Mata & Oramisio Consultoria Educacional. Gestor Escolar da REDE CEIA DE EDUCAÇÃO - Uberlândia.
E-mail: delciodamata@gmail.com

ANDERSON ORAMISIO SANTOS

Graduado em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador Pedagógico da Da Mata & Oramisio Consultoria Educacional. Pedagogo Institucional em REDE CEIA DE EDUCAÇÃO.
E-mail: oramisio@hotmail.com



Resumo: Este trabalho apresenta os desafios contemporâneos voltados para a alfabetização e letramento no cenário brasileiro. Com o intuito de identificar e analisar práticas pedagógicas voltadas para o processo de alfabetização e letramento, bem como apontar os principais entraves encontrados pelos docentes e discentes nesse processo, foi realizada pesquisa bibliográfica em livros, revistas, teses, dissertações, online ou impressos. Os principais autores que nortearam este estudo foram Ferreiro e Teberosky (1999 e 2003), Piaget (1999) e Soares (1998, 2003 e 2004). Os objetivos propostos foram: identificar e analisar os principais desafios na atualidade encontrados no processo de alfabetização e letramento e assim apontar o papel do supervisor nesse processo; reconhecer estratégias inovadoras e eficazes tanto na alfabetização, quanto no letramento; propor a distinção entre alfabetização e letramento e por fim identificar as fases dos processos de alfabetização. Os resultados mostraram que o trabalho do supervisor é fundamental no processo de alfabetização e letramento; ele tem o papel de propor aos educadores condições para que eles executem sua prática com segurança e criatividade respeitando o ritmo de aprendizagem dos educandos. Para tanto, é imprescindível supervisores capacitados que conheçam as diversas teorias do conhecimento, aliando-as a práticas educativas, podendo cobrar e ajudar quando necessário de seus educadores estratégias e metodologias de ensino, de forma crítica e criativa, promovendo a formação de um educando capaz de aprender e colocar em prática o que assimilou.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Formação de Professores. Supervisão Escolar. Ensino e Aprendizagem.

Abstract: This paper presents contemporary challenges for literacy in Brazilian scenario. In order to identify and analyze pedagogical practices aimed at the literacy process, as well as to point out the main obstacles encountered by teachers and students of this process, a bibliographical research was carried out in books, magazines, theses, dissertations, online or

printed. The main authors that guided this study were Ferreiro and Teberosky (1999, 2003), Piaget (1999) and Soares (1998, 2003, 2004). The objectives were to identify and analyze the main challenges currently encountered in the literacy process and thus to point out the pedagogical supervisor role in this process, recognize innovative and effective strategies in literacy, propose the distinction between being able to read and write and being able to read and write effectually, and finally identify the stages of literacy processes. The results showed that the work of the supervisor is fundamental in the literacy process, it has the role of proposing to educators the conditions they execute their practice with safety and creativity respecting the learning rhythm of learners. Therefore, it is essential that trained supervisors who know the different theories of knowledge are combined with the educational practice and can charge and help when necessary from their educators strategies and teaching methodologies in a critical and creative way where it promotes the formation of a learner capable of learning and putting into practice what he/she assimilated.

Keywords: Literacy. Teacher Training. School Supervision. Teaching and Learning.

1 Considerações iniciais

Discutir alfabetização e apontar meios e caminhos que promovam aprendizagem dos alunos que estão nesse processo tem sido algo muito presente na minha vida de educadora.

Muitos são os meios utilizados para alfabetizar, e, ao longo dos anos, vários estudos são realizados na busca de um meio eficaz. Cada um deles destaca um aspecto no aprendizado. Desde o método fônico, adotado na maioria dos países, que faz associação entre as letras e sons, passando pelo método da linguagem total, que não utiliza cartilhas, e pelo alfabético, que trabalha com a soletração, todos contribuem, de uma forma ou de outra, para o processo de alfabetização, que é mais complicado do que se imagina.

Com base nos estudiosos sobre o assunto, sabemos que alfabetizar não é só ensinar a ler e a escrever por meio de um método escolhido; há que formar alunos críticos e capazes de interagir na sociedade, garantindo-lhes caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, dominando o mecanismo de apropriação de conhecimentos, bem como possibilitar que os alunos atuem criticamente em seu espaço social.

Na aplicação dos métodos, verifica-se que alguns professores ou autores conjugam mais de um princípio, somando estratégias de uma mesma tendência pela variação de unidades de sistematização do sistema alfabético/ortográfico ou conjugando pressuposto das duas grandes vertentes: a sintética e a analítica. Quanto ao método tradicional, Cagliari (1989) afirma que

alunos que são submetidos a um processo de alfabetização, seguindo o método das cartilhas (com livros ou não), são alunos que são expostos exclusivamente ao processo de ensino. O método ensina tudo, passo a passo, numa ordem hierarquicamente estabelecida, do mais fácil para o mais difícil. O aluno, seja ele quem for, parte de um ponto inicial zero, igual para todos, e vai progredindo, por meio dos elementos já dominados, de maneira lógica e ordenados. A todo instante, são feitos testes de avaliação (ditados, exercícios estruturais, leitura

perante a classe), para que o professor avalie se o aluno “acompanha” ou se ficou para trás. Neste último caso, tudo é repetido de novo, para ver se o aluno, desta vez, aprende. Se ainda assim não aprender, repete-se mais uma vez, remanejam-se os alunos atrasados para uma classe especial, para não atrapalharem os que progrediram, até que o aluno, à força de ficar reprovado, desista de estudar, julgando-se incapaz. E a escola lamenta a chance que a criança teve e que não soube aproveitar (CAGLIARI, 1989, p. 65).

Em síntese, é preciso olhar com outros olhos para a alfabetização, como professores bem preparados que atentem para a necessidade de seus alunos e lhes forneçam instrumentos para poderem exercer dignamente a sua cidadania.

Historicamente, concede-se a alfabetização de uma forma política, que controla e disciplina a classe operária para a atividade industrial. Por trás desse paradigma, há ideologias com o objetivo de controlar a classe de trabalhadores. Para que isso seja suprimido, os professores deverão libertar-se dos velhos programas de métodos de alfabetização e considerar o ensino da leitura e da escrita um ato crítico. Não é por meio de exercícios mecânicos que as crianças se tornarão cidadãos reflexivas sobre seu papel como agentes construtores e transformadores de sua história, mas sim com atividades relacionadas ao seu cotidiano, que tragam subsídios para atender esse novo olhar que o homem precisa ter sobre a sociedade e o mundo que o cerca.

A problemática deste estudo estabeleceu que muitos alunos são alfabetizados, mas não são letrados ou são letrados, mas não são alfabetizados. Desse modo, é necessário descobrir o porquê de tal realidade e posteriormente propor ações que busquem solucionar os desafios atuais encontrados no decorrer desse processo.

Diante de tantas indagações, os objetivos dessa pesquisa pautaram-se em identificar e analisar os principais desafios na atualidade encontrados no processo de alfabetização e letramento, bem como reconhecer estratégias inovadoras e eficazes utilizadas tanto na alfabetização, quanto no letramento.

A motivação para o desenvolvimento da pesquisa parte das minhas inquietações com as dificuldades encontradas pelo professor de educação básica inicial ao iniciar suas atividades na escola, em caráter pessoal, profissional, impactando no desenvolvimento das práticas pedagógicas do professor.

Segundo Cervo e Bervian (1976), qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento supõe e exige pesquisa prévia quer para o levantamento em questão, quer para a fundamentação teórica, quer para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de toda pesquisa científica. Os universitários devem sempre buscar incentivos para usar técnicas e métodos para realizar a pesquisa bibliográfica, enfatiza Cury (2000).

Segundo Chizzotti (1995, p. 102), estudo de caso “é a pesquisa para coleta e registro de dados de um ou vários casos, para organizar um relatório ordenado e crítico ou avaliar analiticamente a experiência com o objetivo de tomar decisões ou propor ação transformadora.”.

1.1 Significações sobre a alfabetização e o letramento

De acordo com Soares (2004), o tema do letramento pode ser vivenciado em vários países. Sua gênese está voltada para a França e para os Estados Unidos. Em seu surgimento, houve contradições que podem ser observadas até hoje. Nesse aspecto, Soares (2004) ressalta que

[...] a invenção do letramento entre nós se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países, como a França e os Estados Unidos. Enquanto nesses outros países a discussão do letramento – illetrisme, literacy e illiteracy - se fez e se faz de forma independente em relação à discussão da alfabetização – apprendre a lire et à écrire, reading instruction, emergent literacy, beginning literacy -, no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, o que tem conduzido a certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino de desinvenção da alfabetização [...]. (SOARES, 2004, p. 8)

Por muito tempo, os processos de alfabetização e letramento foram entendidos como sinônimos, porém, na atualidade, os dois são definidos com características próprias que devem ser identificadas e analisadas pelos profissionais responsáveis pelo processo de educação: educadores, supervisores, psicólogos, coordenadores pedagógicos, diretores escolares, pais, alunos e demais pessoas da comunidade que se preocupam com o processo educativo.

Temáticas voltadas para o letramento não são tão antigas, datam da década de 80, e ocorreram, ao mesmo tempo, em vários países: Estados Unidos, Inglaterra, França e Portugal. Com o intuito de promover ações pedagógicas que fossem além do ato de ler e escrever é que surgiu este novo vocábulo: letramento.

Logo, buscou-se, por meio do letramento, uma nova postura tanto do ensino quanto daquele que ensina. Buscou-se superar a escola tradicional mediante as novas teorias de ensino, que buscavam uma educação em que a criança fosse o centro de todo processo educativo. Nesse aspecto, pode ser enfatizada, por exemplo, a teoria construtivista.

O letramento surgiu também da necessidade que o indivíduo teve de acompanhar a evolução das ciências e tecnologia. Esse novo cenário de invenções mostrou que era necessário ser mais pensante e criativo, ou seja, construtor da própria aprendizagem. Nesse cenário de descobertas e inovações, é necessário citar Jean Piaget com sua epistemologia genética e sua “perspectiva construtivista”.

Para Piaget (1999), o aluno deve constituir-se como o indivíduo motivador de todo processo educativo. A ele cabe assimilar o conhecimento mediante as diferentes propostas educativas intermediadas pelo educador. Na perspectiva construtivista, o aluno desenvolve-se de forma global, isto é, física, emocional, afetiva, social e cognitivamente.

Piaget (1999) ainda ressalta que há duas características que promovem o desenvolvimento do ser humano que são os fatores hereditários e o meio ambiente. Para o referido autor, a família é responsável tanto pelo fator hereditário quanto pelo ambiental; já a escola é responsável pelo ambiente.

É fundamental que a escola propicie atividades que propiciem e estimulem o gosto em aprender e principalmente mostre a importância de ser alfabetizado e letrado. Para entender todo esse processo, faz-se necessário primeiramente compreender o que é alfabetizar.

Alfabetizar é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena. (SOARES, 2004, p. 91).

Os Parâmetros curriculares Nacionais – PCN (1998) também enfatizam a necessidade do trabalho com diferentes textos.

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (BRASIL, 1998, p. 25)

Falando em atividades que incentivem o letramento e a alfabetização, Mamede (2008) revela que o processo de aquisição da língua escrita deve começar da realidade da criança.

O processo de alfabetização e letramento exige, por parte do educador, conhecimento de algumas teorias que vislumbrem o desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, é necessário citar Ferreiro e Teberosky (1999), (2003), Piaget (1999) e Soares (1998, 2003 e 2004), que contribuíram para uma nova concepção de alfabetização e letramento, em que o aluno é a parte central de todo processo.

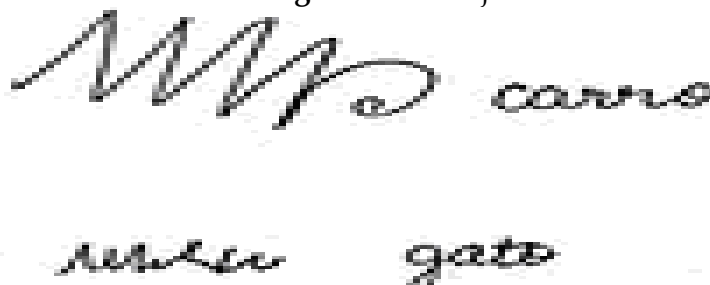
1.2 Níveis de escrita segundo Ferreiro e Teberosky

Ferreiro e Teberosky, seguidoras do estudioso Jean Piaget, propuseram um novo sentido à alfabetização. Para elas, o ensino deveria colocar a criança em contato com o objeto de aprendizagem. Nesse sentido, esses autores propuseram novas estratégias para que o processo de alfabetização e letramento possa ser trabalhado.

Ferreiro e Teberosky enfatizaram que a criança aprende por etapas de construção de conhecimento. Assim a evolução da escrita passa por cinco níveis. São eles: Nível 1: hipótese Pré-silábica, Nível 2: Intermediário I, Nível: Hipótese Silábica, Nível 4: Hipótese Silábica Alfabética e Nível 5: Hipótese Alfabética.

O primeiro nível de escrita é o das garatujas, em que a criança desenha para representar a escrita. A figura 1 representa esse nível.

Figura 1: Garatujas



Fonte: <http://educadorapatriciarosa.blogspot.com.br/>

No processo de garatujas, desenhar e escrever tem o mesmo sentido. Nessa etapa, a criança escreve de acordo com o que representa a imagem para ela, assim não existe relação entre a língua oral e a escrita. Nessa fase, escrever significa realizar rabiscos separados ou emendados, estes podem ser ondulados, retos ou curvos. Utilizam os mesmos sinais gráficos, podendo ser letras, símbolos ou rabiscos para escrever.

Ao escrever, ela relaciona o tamanho da palavra ao tamanho das pessoas, dos animais, dos objetos e até mesmo da idade, assim animais grandes possuem o nome grande, animais pequenos possuem o nome pequeno.

Figura 2: Nível pré-silábico



Fonte: Janssen (2015).

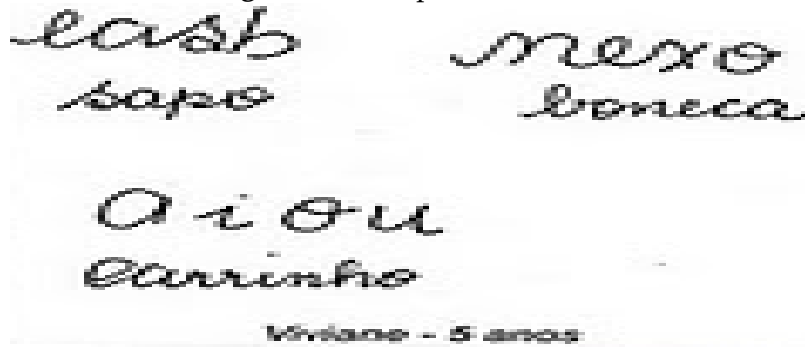
A figura 02, acima, mostra que, além de escrever de acordo com o tamanho que a imagem representa, a criança também, nessa fase, ainda não consegue se organizar, pois escreve não diferenciando letras de números; ambos os grafismos são representados tanto por linhas retas quanto por curvas, podendo ser a escrita cursiva ou de imprensa.

Ferreiro (2003) ainda enfatiza que no nível pré-silábico a criança escreve apenas o que dá nome às coisas, isto é, utiliza-se de substantivos para escrever. Nesta fase, não há distinção entre letra, sílaba, palavra e frase. Ao final desta fase, a criança identifica

que a letra inicial das palavras é satisfatória para indicar a escrita do nome ou de uma palavra.

No segundo nível de escrita, o pré-silábico a criança ainda usa letras de formas desordenadas para escrever palavras. Geralmente utiliza as letras do próprio nome para nomear coisas, objetos, animais e pessoas. A gravura abaixo mostra essa segunda fase da escrita.

Figura 3: Nível pré-silábico da escrita



Fonte: <http://educadorapatriciarosa.blogspot.com.br/>

A figura 3 mostra a escrita de uma criança de 5 anos. Nessa fase, a criança começa a utilizar sinais gráficos próprios da escrita, começando a abandonar os aspectos figurativos do processo cognitivo da criança. A partir de agora, ela começa a entender que escrever não é desenhar. Ainda mistura letras e mistura números para escrever. Não conseguem perceber a relação entre a fala e a escrita.

De acordo com Fonseca (1995), nessa fase é comum a criança dizer que não sabe escrever. Isso acontece porque, nesse período, ela tende a rejeitar quando lhe é solicitado para escrever.

No terceiro nível de escrita silábico, a criança começa a fazer a relação entre o som e a letra. Para isso, ao escrever, coloca uma letra para cada sílaba. Geralmente uma vogal. Por exemplo:

CAVALO

A A O

De acordo do Lemle (2000), nessa fase os pequeninos entendem que para ler não pode haver duas letras iguais. Abandona os numerais e reconhecem que se escreve apenas utilizando letras. Conseguem distinguir letras de números, imagens de textos e palavras. Elas acreditam que, para escrever ou ler uma palavra, é necessário que exista, no mínimo, três letras. Ainda não se preocupa com a ordem que as letras ocupam na palavra; elas podem aparecer de maneira desordenada.

No nível que segue, o silábico alfabético, a criança começa a escrever a palavra correta, porém com algumas trocas de letras. “O período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos.” (FERREIRO, 2010, p. 29)

CAVALO

KAVALO

Nesta fase, a interferência do professor é fundamental, mostrando para os pequeninos as várias possibilidades da escrita. A exploração com trabalhos de diferentes gêneros textuais deverá ganhar ênfase nessa fase e na fase que segue.

O último nível de alfabetização proposto por Ferreiro (2000) enfatiza que a criança já está pronta para a leitura e escrita, cabendo à professora propor atividades para que assimile a leitura e a escrita de forma a colocá-las em prática no seu cotidiano.

Nessa etapa, a criança consegue distinguir letra, sílaba, palavra e frase. Nesse aspecto, há a compreensão de que uma sílaba pode ser constituída de uma, duas, três ou quatro letras.

Nessa fase, a criança consegue relacionar o som à letra, porém surgem os primeiros entraves referentes à leitura e a escrita. Nesse aspecto, o educando infantil relaciona que todas as sílabas possuem uma consoante e uma vogal, sendo um desafio para eles o trabalho com as sílabas complexas e travadas, como BRA, NHA, SSA, entre outras.

A segunda dificuldade surge no que diz respeito às produções de texto em que as crianças tendem a emendar as palavras ou separá-las. Esse problema ocorre porque a criança tende a concentrar-se na sílaba e não na palavra como um todo (BRITO 2005).

Outra dificuldade enfrentada pelos alunos em fase de alfabetização refere-se à ortografia. Eles têm dificuldades em estabelecer letras com o mesmo grupo sonoro como S com som de Z, X com som de CH. A superação desse problema e o constante trabalho com letras, sílabas, frases e textos, utilizando diversas estratégias e metodologias (FONSECA, 1995)

1.3 Desafios para a Supervisão Escolar e professores no processo de alfabetização e letramento

O trabalho com a alfabetização e letramento não é tarefa fácil. De acordo com Abramovich (1995), um dos desafios contemporâneos no processo de letramento e alfabetização é a falta de professores leitores e, conseqüentemente, a maneira pela qual é proposta as atividades de leitura para o aluno. Nessa perspectiva, de acordo com Almeida (2007), o supervisor escolar tem um grande desafio pela frente, que consiste em promover, no educador, o estímulo para com a leitura e, assim, promover este mesmo entusiasmo em seus alunos.

Nessa perspectiva, se o aluno percebe que seu professor não é leitor, ele tem a probabilidade de assimilar que a leitura não precisa ser realizada, pois seu próprio professor não a realiza.

Há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho ou chato... É uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto – seja na livraria ou na biblioteca... Se a criança é a única culpada nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto inocente... Mais culpados são os adultos que não lhe proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas – e outras tantas – trilhas para toda a maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras [...]. (ABRAMOVICH 1995, p. 163).

Para que a criança aprenda a ler, a escrever, a interpretar, é necessário que ela vivencie um ambiente estimulador de aprendizagem. Nesse aspecto, tanto a escola quanto a família devem propor momentos em que a criança vivencie o gosto pela leitura e escrita. O professor poderá, além de trabalhar diferentes textos, falar com as crianças sobre um livro que ele leu e como foi importante para ele.

De acordo com Antunes (2001), a formação de professores também é ressaltada como um fator desafiante no que tange ao processo de alfabetização e letramento, cabendo ao supervisor promover ao professor espaços para sua qualificação. É necessário que principalmente os cursos de Pedagogia ganhem novos enfoques no que tange ao currículo, que deve propor a análise do ser humano como um ser integral, provido de habilidades e competências que serão desenvolvidas mediante atividades de ação e reflexão sobre sua prática. É necessário que se consiga realizar um paralelo entre a teoria e a prática, oportunizando aos educadores momentos para que supram suas dificuldades e promovam a segurança no seu ato educativo.

A falta de planejamento e a não utilização de recursos tecnológicos é citado por Almeida (2007) como um desafio a ser vencido pelos professores alfabetizadores. É função do supervisor verificar se o planejamento está sendo feito e cumprido pelo professor e, caso necessário, deve propor novas estratégias para a sua consecução. O planejamento, para ser eficaz, deve ser elaborado mediante o conhecimento particular de cada aluno. Nas classes de alfabetização, deve-se ter um olhar criterioso diante dos conhecimentos prévios, ou seja, daquilo que a criança já sabe deve ser evidenciado.

Nessa perspectiva, Libâneo (2004) afirma que

[...] a ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político – pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino. (LIBANEO, 2004, p. 222).

Antes de planejar, o educador deve verificar as habilidades a serem alcançadas pela sua classe, também deve conhecer diferentes metodologias e estratégias de ensino que deverão ser utilizadas para alcançar os objetivos propostos. No planejamento, a avaliação também deve ser evidenciada com o intuito de melhorar o que não deu certo.

Referente aos recursos tecnológicos, é fundamental que o supervisor saiba lidar com esses recursos. Se preciso, ele deve propor momentos para que o educador aprenda a lidar com eles. Eles podem ser ótimos aliados do ensino à medida que proporcionam prazer em aprender. Existem muitos aplicativos, por exemplo, gratuitos que podem ser aplicados às crianças, com o objetivo de propor a assimilação da leitura e da escrita (BARRETO, 2001).

A cada etapa de desenvolvimento, o supervisor deve ficar atento às promoções das estratégias e metodologias utilizadas pelo professor e que serão trabalhadas com os pequeninos.

Abaixo algumas sugestões de atividades enfatizadas por Janssen (2015), Ferreiro e Teberosky (1999, 2003) a serem trabalhadas com alunos do nível pré-silábico.

- Enfatizar o nome das crianças e do professor dando ênfase à inicial do nome. A letra, nessa fase, deve ser escrita em caixa alta. Destacada inicialmente a primeira letra de vermelho e as demais de uma mesma cor, podendo ser azul, preta ou outra.
- Colocar as letras trabalhadas em um varal, mural, cartaz ou no quadro negro; essa estratégia possibilita melhor visualização e contato constante por parte dos educandos.
- Favorecer trabalhos artísticos em que a criança é convidada a preencher a inicial do seu nome com diversos materiais: bolinhas de papel, sementes, macarrão, giz de cera, aparas de lápis, papel ou E.V. A - picado, tinta e outros materiais.
- Rasgadura ou recorte de jornais e revistas da letra do nome ou outra trabalhada;
- Atividades com alfabeto móvel: bingo, formar o nome entre outros.
- Trabalhar curvas abertas e fechadas, pois há letras que são fechadas (por exemplo, letra O) e outras abertas (G, A, entre outras).
- Propor a escrita de gravuras de acordo com a maneira como a criança consegue escrever.
- Trabalhar com brincadeiras e jogos pedagógicos de acordo com a faixa-etária das crianças, promovendo assim o estímulo à leitura, à escrita e à sua interpretação.
- Trabalhar letras de músicas, poesias, quadrinhas, destacando as letras trabalhadas.
- Enfatizar histórias cujos personagens têm suas letras iniciadas com a mesma que está sendo trabalhada.

Para Mamede (2008), as atividades direcionadas para as próximas fases do desenvolvimento devem complementar as citadas anteriormente. Nessa perspectiva, é necessário lembrar que o papel de intermediador das práticas educativas no processo de letramento e alfabetização é fundamental para que os aconteçam de forma crítica, criativa e significante para os pequeninos.

Ainda nesse aspecto, Mamede (2008) destaca as seguintes atividades lúdicas voltadas para a aquisição da leitura, escrita e sua aplicação no cotidiano das crianças:

- Atividades com rótulos, gravuras de revistas e jornais.
- Utilização de diferentes tipos de textos: receitas, poesias, poemas, jornais, convites entre outros.
- Vivência de jogos: jogo da memória de letras, sílabas e gravuras com seus respectivos nomes, boliches com nomes.
- Produção de textos inicialmente textos coletivos, intermediados por gravuras ou folhas mimeografadas. Posteriormente textos individuais.
- Trabalhos com recursos tecnológicos enfatizando vídeos, fotos, histórias, filmes entre outros.

- Projetos pedagógicos que envolvam a família, utilizando livros, revistas, poesias, músicas e outros.

Para suprir o problema da segmentação no processo de alfabetização e letramento, é necessário que o educador promova atividades de identificação, análise e manipulação de letras e fonemas.

De acordo com Mamede (1998), não são os métodos utilizados pelo educador que promoverão o desenvolvimento da alfabetização e do letramento. Para esse autor, o que realmente merece destaque são as estratégias promovidas pelo educador nesse processo, que, aliadas aos diferentes métodos de ensino aprendizagem, promoverão a assimilação da leitura, da escrita, da interpretação e da sua utilização de modo efetivo no cotidiano.

2 Considerações finais

Apesar de importante, o processo de alfabetização e letramento enfrenta alguns desafios na atualidade, como os diversos níveis encontrados na sala de aula. Enquanto alguns alunos encontravam-se no nível alfabético, outros se mostravam no nível silábico. Essa realidade acaba por promover no educador atitudes pedagógicas voltadas para o aluno cujo principal objetivo deve ser a assimilação dos conteúdos básicos da alfabetização e a vivência do letramento.

O trabalho do supervisor é fundamental no processo de alfabetização e letramento. Ele tem o papel de propor aos educadores condições de eles executam sua prática com segurança e criatividade, respeitando o ritmo de aprendizagem dos educandos. Para tanto, é imprescindível supervisores capacitados que dominam as diversas teorias do conhecimento, aliando-as à prática educativa, podendo cobrar de seus educadores estratégias e metodologias de ensino que promovam a formação de um educando capaz de aprender e colocar em prática o que assimilou.

O processo de alfabetização e letramento é condição fundamental para que o ser humano possa ser inserido tanto no processo educativo, quanto nas demais atividades sociais. Percebeu-se que muitas crianças assimilam a alfabetização, porém não incorporam o letramento e que o papel do supervisor é fundamental, pois cabe a ele oferecer estratégias para o professor, dando-lhe suporte teórico e prático para que seja realizado um ensino que vislumbre o alcance dos objetivos propostos para cada nível e modalidade.

Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

ALMEIDA, L. R. PACCO, V. M. N. S. (org.). *O coordenador pedagógico e o espaço de mudança*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ANTUNES, H. S. *Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional*.

2001. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BARRETO, R.G. (org.). *Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO L. P. L. Letramento e alfabetização: implicações para a Educação Infantil. In: FARIA A. L. G.; MELLO, S. A. (org.). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 93). p. 5 - 21.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem bê-á-bá*. São Paulo: Scipione, 1999.

CERVO, A.; BERVIAN, Pedro. A pesquisa. In: CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. *Metodologia Científica*. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. p. 65-70

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CURY, A. *Organização e métodos: uma visão holística*. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Matéria Alfabetização e Cultura Escrita. *Nova Escola*, São Paulo, abril/maio de 2003. p. 27-30.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2010.

FONSECA, V. *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

JANSSEN, A. *Hipótese da escrita – nível pré-silábica*. 2015. Disponível em: <http://danielajanssen.com.br/?p=189>. Acesso em: 12 fev. 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Pesquisa. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

LEMLE, M. *Guia teórico da alfabetização*. São Paulo: Ática, 2000.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5. ed. Goiânia:

Alternativa, 2004.

MAMEDE, I. Professoras alfabetizadoras e suas leituras teóricas. *In: 26. REUNIÃO DA ANPED. Anais [...].* Poços de Caldas, 2003. Disponível em: <http://26reuniao.anped.org.br/>. Acesso em: 12 fev. 2017.

PIAGET, Jean. *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOARES, M. *Letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, jan./abr. 2004.